



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: TEORIAS E ANÁLISES¹

Evanildes Lorencena²

INTRODUÇÃO: Muitos estudos têm sido feitos a respeito de como a criança adquire a linguagem. A partir disso, para que pudéssemos entender melhor este processo, propomo-nos a fazer um breve percurso pelas principais teorias de Aquisição da Linguagem. A partir daí foi feita uma análise prática, baseada nas observações da aquisição da fala de uma criança, em seu ambiente natural, procurando mapear esse processo, a fim de verificar se o mesmo acontece de forma normal para a sua faixa etária, ou se ela se encontra em um estágio mais avançado, ou, ainda, se apresenta desvios na aquisição. Sabemos que não é possível nivelar todas as crianças em um mesmo patamar de evolução, uma vez que isso depende de uma série de fatores relevantes tais como a sua idade, as relações sociais da criança, ou seja, com quem ela convive no seu dia-a-dia e se esse convívio lhe permite um contato freqüente com situações de interação. Nosso desafio foi verificar como a teoria sociointeracionista se aplica na fase inicial de aprendizagem da língua materna. **MATERIAIS E MÉTODOS:** O Estudo foi desenvolvido em três etapas: no primeiro, o da fundamentação teórica, foram feitas leituras e a descrição das principais teorias da Aquisição da Linguagem; na segunda etapa foram colhidas as produções da criança, que constituíram o corpus da pesquisa e na terceira etapa, procedemos as análises dessas produções, com suporte na teoria sociointeracionista. **RESULTADOS:** A partir das leituras desenvolvidas, foi possível fazer um breve percurso pela conceituação de língua falada, que, segundo AZEREDO (2000), é anterior à escrita. Para esse autor, todo o ser humano, em situação normal, tem capacidade de adquirir a fala. Já a escrita é adquirida na escola. Segundo as palavras de Silva (1999), a principal linha divisória entre o mundo dos homens e o mundo dos animais está na linguagem. A conceituação de língua buscamos na mesma autora, que a descreve como um sistema lingüístico compartilhado por todos os falantes de uma língua. Nossa pesquisa foi norteadada pela teoria sociointeracionista de Aquisição da Linguagem, no entanto, antes de descrevê-la, consideramos importante apresentar outras três teorias que, de alguma forma, serviram para que entendêssemos melhor a inserção do fator social em todo o processo de aquisição. Começamos pela teoria comportamental, (ou behaviorismo), que teve Skinner como precursor, o qual defende a idéia de que a linguagem é entendida como qualquer outra função do comportamento humano e deve ser ensinada às crianças a partir de um condicionamento operante. Para essa teoria, devem ser ignorados aspectos subjetivos, tais como os desejos, fantasias e sentimentos. Skinner propõe que uma ação executada pelo organismo é reforçada conforme o seu resultado, isto é, se o resultado é o esperado, a ação é reforçada, caso isso não ocorra, suscita operações punitivas. É a teoria do estímulo/resposta. Outra teoria é a do inatismo, desenvolvida por Chomsky (1986 e 1988 apud Scarpa, 2001), que consiste na postulação de que a linguagem é inata e biologicamente determinada, fazendo parte da herança genética do homem. Esta teoria determina que o indivíduo é um ser biológico, sendo que a criança nasce com uma capacidade especial para adquirir a linguagem que nenhuma outra espécie possui. Sob essa perspectiva, o processo de aquisição da linguagem é



compreendido como sendo de natureza basicamente maturacional e, portanto, indiferente às variações de estimulação ambiental. Uma terceira teoria, a construtivista, (ou cognitivista), de Piaget, considera os vários estágios do desenvolvimento cognitivo como algo específico da espécie e geneticamente programado. Para esse autor, o “conhecimento” resulta de uma atividade estruturadora por parte do sujeito. Piaget acredita que a fonte da inteligência não esteja no grupo social, mas sim, nas próprias ações do indivíduo sobre seu meio. O desenvolvimento da linguagem seria limitado pelo seu desenvolvimento cognitivo, no sentido de que há aspectos da linguagem que a criança só será capaz de dominar depois de ter atingido um nível correspondente de controle cognitivo. E, por fim, descreveremos alguns aspectos da teoria interacionista (ou sociointeracionista), na qual se baseiam as análises da fala da criança observada. Essa teoria tem como pressuposto os fatores sociais, comunicativos e culturais no processo de aquisição da linguagem da criança. Assim., a interação social e a troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores são vistas como pré-requisito básico no desenvolvimento lingüístico. As características da fala do adulto (ou das crianças mais velhas) são estudadas e consideradas fundamentais para o desenvolvimento da linguagem. Conforme Silva (2005): Esta teoria aponta para o sentido de que a criança é influenciada pelo meio em que vive e pelo tipo de linguagem à qual ela está exposta. Nesse processo, é atribuído ao social papel de destaque, uma vez que é a partir dele que ocorre a inserção do sujeito no plano simbólico, ou seja, a criança, no início da aquisição de sua linguagem, não é um sujeito já constituído, cujo acesso ao objeto lingüístico se dá de maneira direta, isto é, não mediado pelo outro. Pelo contrário, Vigotsky considera que o sucesso de tal aquisição por parte da criança depende do outro, ou seja, de um membro de sua espécie, representante da ordem simbólica que mediará, por sua vez, a relação da criança com estados e coisas do mundo. (p. 27). Pode-se dizer, portanto, que nessa teoria, o diálogo passa a ser o lugar de inserção da criança na linguagem. Portanto, é a partir dele e, apenas dele, que o desenvolvimento da linguagem pode se efetivar. CONCLUSÕES: Após o estudo dessas teorias e aprofundando nossas leituras sobre cada uma delas, foi feito um mapeamento das principais características de Aquisição Fonológica e dos aspectos mais relevantes dos Processos Fonológicos pelos quais a criança passa e o que seria considerado como “normal” para cada faixa etária, passamos a analisar a produção da criança. Para tanto, utilizamos a tabela de desenvolvimento fonológico desenvolvido por STAMPE (1969.1973:Donegan & Stampe), que é também utilizada por inúmeros lingüistas para descrever os processos fonológicos, tanto em crianças normais como em crianças com desvios . Constatamos, ao final dos trabalhos, que a criança observada apresenta várias dificuldades de pronúncia, que, embora sejam perfeitamente aceitáveis para a sua idade, são reflexos do meio social em que vive e do comportamento dos adultos que convivem com ela, já que ao ouvir a pronúncia errada, estes adultos acham bonito e engraçado. Os teóricos afirmam que a linguagem do adulto é o alvo para uma aquisição correta,. Se, ao ouvirem a palavra papate, para sapato, o adulto a repetisse calma e pausadamente, com certeza esta criança, ao utiliza-la novamente, tentaria adequá-la, dentro de suas limitações, dependendo da fase de aquisição em que a mesma está inserida. Outro exemplo é a palavra pipimi, que a criança utiliza para designar pepino. É normal que se ache engraçada essa construção, mas o que se espera de um adulto consciente do seu papel como mediador da aquisição da linguagem, que as relações de interação, mediadas através da



linguagem, se efetuem de forma normal, pois sabemos que o mesmo é um processo lento, que se efetiva em torno dos quatro anos de idade. É com certeza uma fase maravilhosa por que passa toda a criança. A diferença nesse processo está justamente na posição ocupada pelos adultos responsáveis pela inserção da criança no mundo da linguagem.

¹ Trabalho de Graduação apresentado como requisito de avaliação do Componente Curricular Aquisição da Linguagem, orientado pela prof^a. Dulcina Edith Winter, do Departamento de Estudos de Linguagem, Arte e Comunicação – DELAC/UNIJUI, Curso de Letras - Português e Respectivas Literaturas.

² Aluna de Graduação em Letras-Português e Respectivas Litaraturas do DELAC/UNIJUI